



PARA ALÉM DO LUGAR DE TRABALHO: AS DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE A MEMÓRIA NO CONTEXTO DA CIA. NACIONAL DE TECIDOS NOVA AMÉRICA – RJ¹

Renan Caldas Galhardo Azevedo ²

Resumo: Sendo parte de nossa pesquisa de Mestrado, o presente trabalho busca compreender qual a relação existente entre os lugares de memória operária da Cia. Nacional de Tecidos Nova América, bem industrial recentemente refuncionalizado e reconhecido como Patrimônio Cultural Carioca pela Prefeitura do Município do Rio de Janeiro – RJ. Ao utilizarmos do conceito citado, inaugurado pela historiadora francesa Madeleine Rébérioux, buscamos observar a Cia. de Tecidos Nova América para além da ótica do trabalho e da industrialização ocorrida sobre os subúrbios cariocas, perspectiva esta escolhida pelo poder público local e pelo agente privado que atualmente administra a localidade para evidenciar o passado do bem tombado.

Palavras-chave: Nova América, Lugar de Memória Operária, Patrimônio Industrial, Geografia.

Abstract: As part of our Master's research, this paper seeks to understand the relationship between the working memory places of Cia. Nacional de Tecidos Nova América, industrial property recently refuncionalized and recognized as Carioca Cultural Heritage by the City Hall of Rio de Janeiro – RJ. By using the aforementioned concept, inaugurated by the French historian Madeleine Rébérioux, we seek to observe Nova América beyond the perspective of work and industrialization that took place in Rio's suburbs, a perspective chosen by the local government and the private agent that currently manages the location to highlight the past of the listed property.

Keywords: Nova América, Workers' Memory Place, Industrial Heritage, Geography.

¹ Este trabalho é uma síntese de nossa pesquisa de Mestrado em Geografia desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGG-UFRJ). Esta pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

² Graduado em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: renan.azevedo08@outlook.com.



INTRODUÇÃO

Diferentes conceitos fizeram e ainda fazem parte do escopo dos estudos e das pesquisas produzidas pela ciência na qual hoje denominamos de Geografia. Segundo Souza (2016), os conceitos-chave utilizados pela ciência anteriormente citada são ferramentas importantes para os estudos desenvolvidos na mesma, visto que auxiliam os pesquisadores(as) inseridos na Geografia na tentativa de interpretar o seu grande objeto de estudo, o espaço geográfico, em diferentes perspectivas de análise. Souza também argumenta em seu trabalho que a existência de conceitos-chave na ciência geográfica faz-se necessária porque são como tijolos de um grande edifício, sendo capazes de dar estrutura e visibilidade à própria disciplina (Ibidem, 2016).

Não muito diferente de Souza, Corrêa também indica que a existência e o uso de conceitos-chave na Geografia é importante, devido ao fato de que são:

Capazes de sintetizarem [...] o ângulo específico com que a sociedade é analisada, ângulo que confere à Geografia a sua identidade e a sua autonomia relativa no âmbito das Ciências Sociais (CORREIA, 2014 [1995], p. 16).

É nesta perspectiva que espaço, paisagem, território, lugar e região - sendo adicionados também, em alguns casos, rede e escala geográfica³ - são considerados conceitos-chave utilizados pela Geografia em suas análises espaciais, conceitos estes que visam contribuir para a identidade, a visibilidade e a autonomia daquela perante as demais ciências e áreas do conhecimento atualmente existentes no que podemos denominar de amplo universo de saberes disponíveis na Academia.

Entretanto, há pesquisadores(as) inseridos na Geografia que preferem não determinar a existência desta última subordinada à conceitos. O argumento utilizado pelos defensores desse ponto de vista é o de que o uso daqueles por geógrafos(as) pode limitar o campo de atuação da disciplina, seja nos estudos provenientes de sua vertente “física”, seja nas pesquisas produzidas por sua outra vertente – não menos importante -, denominada de “humana”. De acordo com Costa e Rocha (2010, p. 41):

Faz-se necessário realçar que não há convergência absoluta entre os estudiosos em relação à quais são os conceitos geográficos. Nem mesmo existe consentimento sobre

³ Como pode ser percebido por meio da obra de CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R.L. (org.). *Geografia: conceitos e temas*. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 352p.



a sua descrição, pois cada um encontra sua explicação de acordo com o paradigma no qual está incluso.

Há também aqueles(as) que, filiados(as) à Geografia, acreditam que esta ciência deva estudar o espaço geográfico de forma a entendê-lo somente sob a alçada do tempo presente, ou seja, o recorte temporal de atuação da Geografia, independente do caso, deve ser exclusivamente o presente. Qualquer tentativa de estudos ou trabalhos por parte de geógrafos(as) que envolvam, por exemplo, o passado, por mais que tenham como foco o espaço geográfico, não deveriam ser interpretados como algo a ser trabalhado pela Geografia (ABREU, 1998).

Apesar dos fatos, na pesquisa que aqui se apresenta entende-se que tanto o uso de conceitos em geral, assim como a abordagem sobre o tempo, principalmente com relação ao passado, são importantes de serem utilizadas pela Geografia. Afinal, acreditamos que o uso de conceitos e a produção de análises geográficas sobre o espaço para além do tempo presente permitem com que a disciplina abranja diferentes perspectivas sobre a realidade e seja confrontada a todo momento com novas abordagens sobre o espaço geográfico, o que traz novos desafios aos seus pesquisadores(as) e faz com que os mesmos busquem por novos entendimentos sobre seus objetos de estudos. Além do que fora anteriormente citado, entendemos que tais perspectivas permitam com que a disciplina em questão interaja com outras áreas do conhecimento existentes, principalmente no escopo das Ciências Humanas, intercâmbios estes extremamente salutares para a manutenção e o desenvolvimento da Geografia enquanto área científica.

É com o entendimento de que a Geografia possa trabalhar com conceitos e com questões que envolvam o tempo, principalmente o passado, que produzimos o nosso trabalho tendo como ponto de partida o seguinte questionamento: qual a relação existente entre os lugares de memória operária da Cia. Nacional de Tecidos Nova América? O conceito de lugar de memória operária surge nos estudos de Rébérioux (1992) tendo como base a ideia de lugar de memória de Pierre Nora (1993[1984]). Assim, levantamos como hipótese a ideia de que os lugares de memória operária relacionados ao bem industrial presente em nossa reflexão central são ferramentas capazes de descortinarem diferentes perspectivas sobre o passado do recorte espacial escolhido para a produção de nosso estudo, perspectivas estas que acabam sendo voltadas para uma Nova América além de sua face industrial / laboral.



Para fins de apresentação, de forma breve e sucinta, a Cia. Nacional de Tecidos Nova América é um antigo e importante bem industrial existente no subúrbio do Município do Rio de Janeiro - RJ. Inspirada arquitetonicamente nas antigas fábricas e indústrias manchesterianas, que apresentavam grandes fachadas com tijolos aparentes (DEZEN-KEMPTER, 2012), a Nova América possui quase cem anos de existência, sendo uma das poucas remanescentes de seu tempo. Tão grande a sua importância no contexto fluminense, o complexo fabril fora reconhecido há alguns anos como Patrimônio Cultural Carioca. E, não menos importante, é mister notar que o bem tombado foi também alvo do processo denominado de refuncionalização espacial, o que fez com que suas antigas formas fabris passassem a abrigar um *shopping center*.

JUSTIFICATIVA

Tendo em vista a informação anterior, a justificativa para esta pesquisa reside na importância da Nova América para o Município do Rio de Janeiro e a ausência de trabalhos sobre a antiga fábrica, principalmente em uma perspectiva que abranja leituras sobre o seu passado. Conforme apontaremos neste estudo, bens industriais tombados podem ser vistos de diferentes formas possíveis, não sendo observados somente sob a ótica do trabalho, tal qual ocorre hoje na localidade. De acordo com o *The International Committee for The Conservation of the Industrial Heritage* (TICCIH, 2003), outros elementos associados aos Patrimônios Industriais podem e devem ser explorados no contexto de tombamentos, tudo a fim de que a cultura industrial e a memória local estejam ao alcance de todos aqueles que desejam conhecer melhor os antigos espaços produtivos hoje tombados.

OBJETIVOS

A fim de alcançar a resposta para a questão central de nosso estudo - qual a relação existente entre os lugares de memória operária da Cia. Nacional de Tecidos Nova América? -, buscaremos responder a algumas questões secundárias que serão os objetivos específicos de nossa pesquisa. Logo, elencamos como questões secundárias de nosso trabalho as seguintes reflexões: Como a Geografia vem estudando os Patrimônios Industriais? O conceito de lugar de memória operária, de Rébérioux (1992), é uma via por onde a Geografia possa estudar os antigos bens industriais? Sendo uma via, quais são os lugares de memória operária da antiga



Cia. Nacional de Tecidos Nova América e o que eles revelam com relação à antiga fábrica tombada?

METODOLOGIA

A metodologia para a produção desta pesquisa consistiu em diferentes etapas. Assim, em um primeiro momento, buscamos identificar referências bibliográficas a fim de responder às questões existentes em nosso estudo. Após, nos debruçamos sobre os acervos documentais presentes no Município do Rio de Janeiro (em especial, sobre os arquivos presentes nos acervos da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil e no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro) buscando identificar e entender quais são os lugares de memória operária da Cia. Nacional de Tecidos Nova América, além de identificar se eles ainda existiam no atual momento urbano local.

Com os dados encontrados e os espaços localizados nós decidimos conversar, por meio das redes sociais, com os moradores(as) locais a fim de confirmar os dados encontrados. Não dispensamos para tal o uso de entrevistas *on-line*. Afinal, essa foi uma das poucas alternativas encontradas por nós frente ao desafio de se fazer ciência no contexto da pandemia do novo coronavírus.

Por fim, fizemos um trabalho de campo a fim de fotografar os possíveis elementos ainda existentes associados à Nova América, elementos estes citados tanto por documentos como pelas entrevistas com moradores locais e que se enquadraram na perspectiva do lugar de memória operária de Rébérioux.

Depois de todas as etapas citadas serem concluídas nos dedicamos à escrita deste trabalho buscando responder à questão central de nosso estudo e, por conseguinte, concluir a nossa pesquisa.

APORTE TEÓRICO

Para a produção deste trabalho nos debruçamos sobre referências bibliográficas que busquem um diálogo entre a Geografia, a noção de memória e o conceito de Patrimônio, em especial, o de Patrimônio Industrial. Nesta perspectiva, utilizamos como aporte teórico de nossa



pesquisa os estudos de: Corrêa (2003[2014], 2006 e 2018), que buscam relacionar o espaço urbano com as noções de cultura e memória, incluindo a noção de Patrimônio Cultural; o de Abreu (1998), de fundamental importância para o entendimento do passado e da memória do Rio de Janeiro – RJ; os de Choay (2000) e de Funari e Pelegrini (2009), que demonstram a caminhada até a consolidação do que hoje entendemos enquanto Patrimônio Cultural; e os estudos de Scifoni (2013 e 2017) e de Rébérioux (1992), importantes para o entendimento da noção de lugar de memória operária na Geografia e a possível aplicação de tal conceito sobre a Nova América, Patrimônio Industrial que é a centralidade de nosso estudo.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

Mesmo que a noção de Patrimônio Industrial ainda não seja utilizada em larga escala por parte dos pesquisadores(as) da Geografia, ela hoje já se apresenta em alguns estudos, como os de Scifoni (2013 e 2017), que observaram os Patrimônios Industriais da metrópole paulista sob a perspectiva do conceito de lugar de memória operária, conceito construído pela historiadora francesa Madeleine Rébérioux (1992). Surgido a partir de uma adaptação do conceito de lugar de memória de Pierre Nora (1993), o lugar de memória operária visa analisar espacialmente recortes espaciais ligados à memória operária, o que inclui bens industriais tombados, locais onde, em síntese, a vida operária ocorria no passado.

Segundo Rébérioux (1992), os lugares de memória operária podem ser identificados de três formas: lugares de trabalho, lugares de sociabilidade e lugares simbólicos. Seguindo a ordem definida pela historiadora francesa, os lugares de memória operária entendidos como lugares de trabalho são espaços que remetem diretamente à diferentes práticas ou atividades laborais que existiram no passado, sendo a base de aplicação de diferentes técnicas produtivas ou, simplesmente, onde ocorriam as produções fabris / industriais que motivavam a existência do bem produtivo. Dessa forma, são, em síntese, os recortes espaciais que se apresentavam enquanto as centralidades do processo produtivo, onde ocorriam, de fato, as produções. De acordo com Rébérioux (1992, p. 49-50), são exemplos:

A oficina, a fábrica, a usina. O que nos interessa neles, no que hoje constitui a minha perspectiva, é a sua presença na memória operária [...] Em suma: é o lugar que eles ocupam em seus imaginários [dos operários] e o que tal lugar, tal lembrança pode nos ensinar.



Assim, a autora foca sobre os espaços produtivos compreendendo-os enquanto elementos que fazem parte da memória operária, sendo recortes espaciais de grande valor vinculados às práticas produtivas existentes no cotidiano laboral de diferentes trabalhadores(as).

De forma complementar, a autora nos alerta de que não devemos nos limitar a ideia de que os lugares de trabalho devem ser interpretados enquanto a totalidade dos espaços produtivos. Para a historiadora francesa, tanto a totalidade como alguns pontos do espaço fabril / industrial podem ser interpretados enquanto lugares de trabalho, pois a memória relacionada ao processo produtivo não se encerra em um determinado recorte e/ou escala espacial. Qualquer espaço que envolva memórias laborais devem ser encarados como lugares de trabalho. Não há exceções (Ibidem, 1992).

Com relação aos lugares de sociabilidade, a autora francesa nos explica que estes são espaços onde ocorriam os encontros entre trabalhadores fora do contexto produtivo. São, assim, locais onde os operários socializavam: onde conversavam, utilizavam de seus tempos livres para práticas esportivas e diferentes tipos de lazer, ou seja, locais que remetem às atividades da vida cotidiana dos operários(as) para além do famoso “chão de fábrica”, nos quais memórias também poderiam ser vinculadas. A fim de dar exemplos sobre o que seriam os lugares de sociabilidade, a historiadora nos diz que os cafés onde os operários(as) franceses se reuniam após a jornada diária de trabalho podem ser entendidos enquanto lugares de sociabilidade. Afinal:

O horizonte operário jamais se limitou ao espaço do trabalho. Existem lugares operários de solidariedade, de sociabilidade fora da usina. [...] Vou insistir nos cafés, estas novas igrejas do operário, tão característicos dos últimos vinte e cinco anos do século XIX e do começo do século XX, em sua dimensão propriamente operária. Um café significa um balcão onde se bebe, uma lareira, um suporte em que cada frequentador pousa seu cachimbo, algumas mesas ocasionalmente cobertas de tela encerada, algumas cadeiras – o modelo é único. Eles acabam de ser muito bem estudados no que concerne à região norte da França, velha região industrial do nosso país. É o novo botequim da classe que triunfa a partir a partir da década de 1880, nas pensões de mineiros, nas minas e nas portas de fábricas. [...] No início do século XX, uma cidade como Anzin, que tem 10.000 habitantes, dispõe de 86 associações operárias cujas sedes estão instaladas nos cafés e, muitas vezes, o dono, o arrendatário, é um tesoureiro [...] Também é muito comum que o café seja o local, a sede da banda ou então de uma mera associação que se chama simplesmente “sociedade dos amigos” (RÉBERIOUX, 1992, p. 51-52)

Por fim, mas não menos importante, Réberieux também nos traz em seu texto a definição de lugares simbólicos. Estes seriam espaços que ajudariam a rememorar as lutas dos trabalhadores, representando, dessa forma, as opressões e perseguições sofridas, além de aludir



às ações por melhores condições de trabalho no momento em que executavam suas funções laborais. São, assim, “tornados simbólicos pela vontade de vencer o esquecimento no qual se mergulha não só a vida cotidiana operária, mas também a luta dos dominados” (Ibidem, 1992, p. 53).

A fim de representar os lugares simbólicos, a autora lista dois exemplos em seu estudo presentes no contexto francês: o trajeto *Nation-Bastille* e o *Mur des Fédérés*. O primeiro se caracteriza enquanto um trajeto que era percorrido em marcha, como forma de protesto, por operários(as) franceses durante os anos 1930. O segundo é um muro existente próximo ao cemitério de *Père Lachaise*, onde ocorreram as últimas lutas da Comuna de Paris e que representam a opressão sofrida por esses trabalhadores no contexto nacional francês (Ibidem, 1992). Assim, os lugares simbólicos são elementos que permitem com que as opressões e as lutas operárias sejam rememoradas, não permitindo que sejam apagadas de vez da história.

Lugares de trabalho, lugares de sociabilidade e lugares simbólicos: essas são as três perspectivas contidas no interior do conceito de lugar de memória operária trazido por Rébérioux e que funcionam como uma metodologia para aqueles que desejam trabalhar com antigos bens industriais no contexto acadêmico.

Tendo uma ancoragem bastante espacial, o conceito ajuda a Geografia a entender e interpretar os Patrimônios Industriais inseridos no espaço urbano. Logo, podemos entender os lugares de memória operária como uma ferramenta que possa ajudar geógrafos(as) que desejam analisar não somente a cultura e a memória operária, mas os antigos recortes espaciais produtivos hoje reconhecidos como Patrimônios Industriais ou que estão em vias de serem tombados. E foi pela via metodológica disponibilizada por Rébérioux que debruçaremos o nosso trabalho, buscando identificar quais seriam os lugares de memória operária da antiga Cia. Nacional de Tecidos Nova América.

Com o conceito anteriormente citado foi possível identificar que a fábrica, hoje tombada, tem a sua memória trabalhada somente sob a perspectiva de ser entendida enquanto um lugar de trabalho, já que em seu interior se apresentam dois memoriais fortemente inclinados na perspectiva de se valorizar o trabalho ocorrido na instituição, conforme pode ser observado na figura 1 e 2. Isso significa que somente uma de suas faces enquanto lugar de memória operária é utilizada e exposta para aqueles(as) que hoje a visitam enquanto bem tombado / *shopping center*.



Figura 1: Memorial no interior da antiga fábrica composto por imagens com teares que remetem ao trabalho ocorrido na instituição. Fonte: acervo pessoal.

A fim de entender quais seriam as outras faces do antigo bem industrial, nos debruçamos sobre os acervos documentais existentes no Município em que se encontra o Patrimônio e conseguimos identificar – com a ajuda daqueles e da antiga comunidade operária local - a existência de dois espaços importantes que complementam a história da fábrica e que não necessariamente representam o passado voltado ao trabalho da instituição: a Associação Atlética Nova América (AANA) e a Cidade Jardim Nova América (vila operária local).



Figura 2: O segundo memorial com as máquinas expostas e informações em suas bases. Fonte: acervo pessoal.

A AANA, inaugurada no final da década de 1920, era interpretada como uma espécie de central de amparo aos funcionários(as) da fábrica, feita “de trabalhadores para trabalhadores”,



como fora exposto na mídia carioca durante a década de 1940⁴. Isso fazia com que fosse dita como sendo o equivalente a um sindicato. Apesar do fato, é importante destacar que a instituição citada fora erguida e mantida financeiramente pela administração da fábrica de tecidos⁵. Tal fato fez com que a AANA rapidamente se tornasse importante.

Pouco tempo após a sua inauguração, a associação operária em destaque tornou-se um dos primeiros aparelhos voltados para o acesso à práticas culturais e de assistencialismo social existente na antiga Freguesia de Inhaúma, onde se localizava a Nova América, durante a primeira metade do século XX. Na década de 1930, por exemplo, a AANA já era responsável pela produção de importantes eventos voltados para operários(as), como: a organização de bailes de carnaval⁶; a produção de festividades voltadas para a comunidade operária envolvendo celebrações como Natal, Ano Novo e Festas Juninas⁷; além de ser também a produtora de bailes de jazz⁸ e reduto de shows que contaram com a participação de importantes artistas do cenário artístico nacional do momento, como Francisco Alves, Orlando Silva e Cauby Peixoto (PIMENTA, 2006).

Para além das questões culturais e de festividades, a AANA foi também a instituição da Nova América responsável por manter relações com outras instituições, como o Serviço Social da Indústria, o SESI, e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o SENAI. Por meio destas parcerias houve a implementação da primeira escola local, a Escola Nova América, que funcionou durante suas primeiras décadas no interior da Associação. Apesar de aparentemente criada para o ensino e formação de filhos(as) de operários(as) desde o seu surgimento, a Escola era voltada também para a alfabetização de operários(as) que ainda não sabiam ler e para a aplicação de cursos de especialização para trabalhadores(as)⁹.

Dessa parceria também surgiu uma oficina de teatro na fábrica e a produção de diferentes eventos desportivos, sendo a Associação a sede de diferentes torneios entre empresas

⁴ Disponível em: Boletim Nova América: Órgão da Associação Atlética Nova, n. 4, ano II, 1945, p. 14. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

⁵ Depoimento de Nelson Cintra. In: Boletim Nova América: Órgão da Associação Atlética Nova, n. 107, ano 10, 1954, p. 17.

⁶ A primeira aparição nos jornais cariocas ocorre em 1934. Disponível em: Jornal do Brasil, 3 de fevereiro de 1934, p. 25. Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.

⁷ Disponível em: O Jornal, 2 de julho de 1948, p. 6. Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.

⁸ Disponível em: Jornal do Brasil, 14 de abril de 1934, p. 25. Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.

⁹ Escola de Oficina na Associação Atlética Nova América. In: Boletim Nova América: Órgão da Associação Atlética Nova, n. 106, ano 8, 1953, p. 6 e 7.



promovidos pelo SESI. Os jornais locais mencionam inúmeras vezes as partidas de diferentes campeonatos que ocorreram na AANA, o que incluía a disputa de títulos regionais. Um fato que demonstra a importância da instituição não somente para a própria comunidade operária da Nova América, como também para o contexto esportivo industrial fluminense.

Por fim, mas não menos importante, a AANA também se tornou a instituição responsável por operacionalizar toda a vida do operariado nova-americano por meio de periódicos fabris como o Boletim Nova América (hoje preservada pelo Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil), peça jornalística produzida pela própria administração fabril que acabava tornando a AANA um reduto da empresa que buscava organizar e controlar toda a vida dos trabalhadores(as) da fábrica. Todavia, esse controle da empresa sobre a massa operária não se limitou à AANA, adentrando também sob a perspectiva da vila operária Cidade Jardim Nova América.

Sendo projetada pelo arquiteto e urbanista Washington Azevedo e apresentada ao público por meio da Revista Arquitetura e Urbanismo no ano de 1937, a Cidade Jardim Nova América fora planejada com o intuito de ser a vila operária da Nova América, um espaço residencial que, diferente das demais vilas operárias existentes na então capital nacional, seguia o modelo das cidades-jardim, ideia proposta pelo urbanista britânico Ebenezer Howard.

Os jornais que circularam no Rio de Janeiro - RJ e o Boletim Nova América, todos do acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, foram de suma importância para entendermos como fora a execução deste projeto. Além dos documentos anteriormente citados, o artigo de Gimenes (1998), publicado na Revista Municipal de Engenharia do Rio de Janeiro – RJ, pertencente ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, também nos ajudou a entender a própria geografia da Cidade Jardim.

Apesar de não conseguirmos encontrar dados que nos fornecessem detalhes sobre quando fora inaugurada, foi logo após o seu projeto vir a público em 1937 que as obras da vila operária nova-americana foram iniciadas. Com os constantes problemas de habitação existentes no Rio de Janeiro - RJ (ABREU, 2006), a criação de vilas operárias surgia como uma medida paliativa para o enfrentamento das crises habitacionais que permearam a história do Município. Nesse sentido, quando a administração da Nova América traz ao público o projeto de sua vila operária, o poder público local logo aceitou.

Por mais que, como afirmamos antes, não tenhamos encontrado muitos dados sobre a



Cidade Jardim Nova América, é mister notar o que conseguimos encontrar revelaram que a suntuosa vila operária era basicamente entendida enquanto uma extensão das práticas que eram até então observadas no contexto da Associação Atlética Nova América. Afinal, se antes da construção da Cidade Jardim a administração da fábrica já buscava disciplinar o operariado constantemente em diferentes perspectivas que envolviam os espaços internos e externos da fábrica, esta prática se torna ainda maior quando a massa operária passa a residir sobre imóveis que eram de posse das famílias Bebbiano e Sutton.

O periódico fabril Boletim Nova América, anteriormente mencionado nesta pesquisa, e os trabalhadores(as) que serviam à Associação Atlética Nova América acabaram sendo os agentes de controle da administração fabril. Um controle que saia dos setores da fábrica e que adentraram as casas que compunham a vila operária de diferentes formas possíveis, o que incluía o controle até mesmo dos móveis no interior das casas que pertenciam à Cidade Jardim, conforme aponta Vieira (2012) por meio dos Boletins Nova América.

Vale notar que tanto a AANA como a Cidade Jardim Nova América foram espaços foram criados pela administração da empresa em destaque no sentido de serem complementares à vida operária local, espaços onde a própria administração fabril intervia e ordenava a vida de cada um de seus operários. Estes espaços ainda existem atualmente, contando até mesmo com a preservação do arruamento da antiga vila operária. As figuras 3 e 4, abaixo, demonstram um pouco dessa história.



Figura 3: Vista lateral do Salão Azul, parte da antiga AANA.
Fonte: acervo pessoal.



Por mais que não tenham sido tombados, estes recortes espaciais podem ser encarados enquanto lugares de sociabilidade no contexto dos lugares de memória operária da Nova América, tendo em vista que eram espaços onde a vida dos trabalhadores(as) locais se desenvolvia, mesmo que sob um intenso controle e ordenamento por parte da administração fabril nova-americana.



Figura 4: Uma das antigas casas operárias da Cidade Jardim Nova América ainda preservada.

Fonte: acervo pessoal.

Sabendo que a fábrica era lugar de trabalho e que a AANA e a Cidade Jardim são lugares de sociabilidade nova-americanos no sentido de Lugar de Memória Operária definido por Rébérioux (1992), quais seriam os lugares de luta do operariado local?

As greves e lutas por melhores condições de trabalho na Nova América fizeram com que seus lugares simbólicos, de luta, conforme o conceito utilizado por nós, contemplasse tanto a fábrica como os espaços que eram destinados à vida cotidiana de seus trabalhadores(as), ou seja, Associação Atlética Nova América e a Cidade Jardim Nova América.

Por mais que esses espaços sejam, respectivamente, lugares de trabalho e lugares de sociabilidade do bem tombado, em diferentes momentos foram transformados pelos trabalhadores(as) em lugares simbólicos, onde a massa operária se organizava a fim de lutar por melhores condições de vida e até mesmo tentar impedir com que a fábrica fosse à falência. Assim, diferente da pesquisadora que cunhou o termo objetivando que cada lugar de memória operária abrangesse uma perspectiva, a Nova América consegue ter espaços ligados à sua memória identificados de diferentes formas possíveis, o que faz com que a fábrica possa ser entendida para além de um lugar de trabalho.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a questão que motiva esta pesquisa é: qual a relação existente entre os lugares de memória operária da Cia. Nacional de Tecidos Nova América? Agora podemos dizer que, de acordo com os dados que obtivemos de diferentes formas possíveis, os lugares de memória operária da Nova América ajudam a revelar a história de uma fábrica para além de um modesto bem industrial tombado / refuncionalizado que tem a sua memória atrelada atualmente à ideia de trabalho e industrialização ocorridas em solo carioca ao longo do século XX.

Por mais que os memoriais existentes na fábrica e o seu documento de tombamento busquem reafirmar aquela ideia, o conceito de lugar de memória operária nos ofereceu a possibilidade de se compreender a realidade nova-americana para além de seu lado produtivo. A proposta de Madeleine Rébérioux (1992) visando identificar os lugares de memória operária relacionados à antigos espaços produtivos acaba sendo uma perspectiva que contribui para que diversos tipos bens industriais, tombados ou não, possam ser encarados de diferentes formas possíveis por aqueles(as) que desejam estudá-los. Ver Patrimônios Industriais ou até mesmo outro tipos de antigos recortes espaciais sob a análise deste conceito ajuda a entender com um simples complexo fabril não pode ser observado somente sob a ótica do labor. Um fato que pôde ser observado na Cia. Nacional de Tecidos Nova América.

Dessa forma, ao relacionarmos os lugares de memória operária da Nova América percebemos que a fábrica ainda possui um enorme potencial enquanto bem tombado e que ainda não é explorado. Por mais que a Associação Atlética Nova América e a Cidade Jardim Nova América ainda existam na atualidade enquanto vestígios industriais do tempo em que os teares ainda operavam à todo vapor na fábrica, tais espaços já perderam parte suas características iniciais.

Um saída para que a Nova América tenha sua memória e, por conseguinte, seus lugares de memória operária melhores aproveitados seria por meio da elaboração de um circuito industrial que abrangesse não somente o bem tombado, mas os demais recortes associados à fábrica, conforme pode ser observado na figura 5, abaixo.

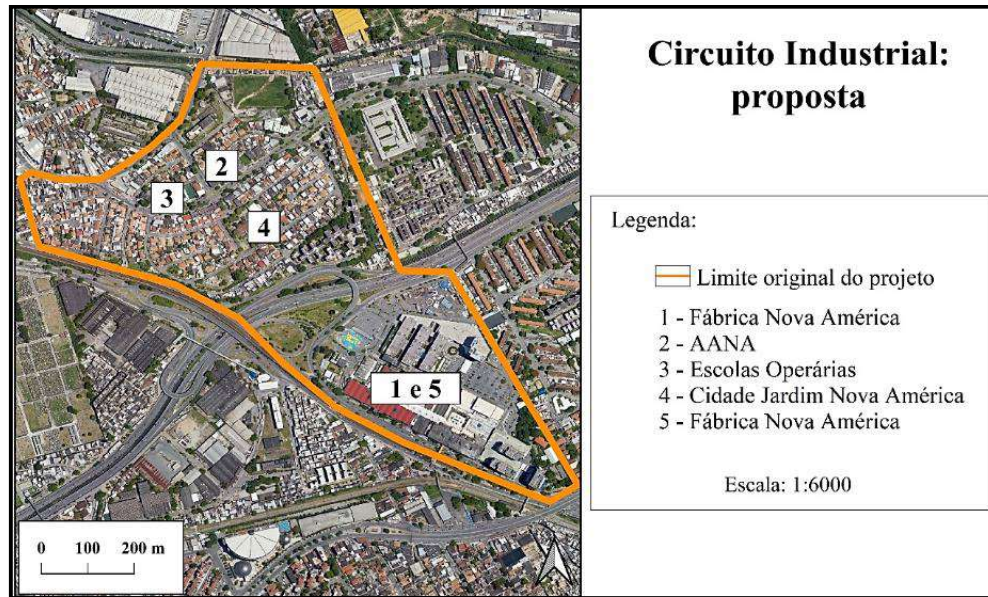


Figura 5: Possível Circuito Industrial da Nova América.
Fonte: acervo pessoal.

Este circuito ajudaria a fazer com que a memória operária da Nova América estivesse ao alcance daqueles(as) que desejassem conhecer melhor o passado fabril local, além de dialogar com as propostas do TICCIH. Afinal, de acordo com a carta de Nizhny Tagil (TICCIH, 2003), documento hoje norteador para a preservação de bens industriais e processos que envolvem tombamentos e a memória dos bens industriais já tombados, todos os elementos industriais devem estar ao alcance da sociedade no sentido de demonstrar a importância desses bens para as localidades nas quais estão inseridos. Uma prática que demonstra a importância do bem para a comunidade local e o quanto suas memórias são importantes de serem revisitadas por aqueles que assim desejarem.

A proposta anteriormente demonstrada é utópica, é verdade, mas acreditamos que toda a história que envolvem a ideia de patrimonialização é permeada de utopias. Afinal, a luta pelo reconhecimento da importância de diferentes bens é a busca para que um desejo até então pouco concreto torne-se realidade.



AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de A. Sobre a Memória das Cidades. In: *Revista da Faculdade de Letras – Geografia I – Série*, Porto, v. 14, p. 77-97, 1998.

BOLETIM NOVA AMÉRICA: ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA NOVA, n. 1, 1944. *Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil*.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. Tradução: Teresa Castro, Lisboa: Edições 70, 2000. 245 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES; Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Geografia: conceitos e temas*. 16. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2014 [1995]. p.15-48.

_____. O Urbano e a Cultura: alguns estudos. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Cultura, Espaço e o Urbano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006, p. 141-165.

_____. A Geografia Cultural e o Urbano. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Introdução à Geografia Cultural*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014[2003], p. 167-186.

_____. *Caminhos Paralelos e Entrecruzados*. São Paulo: Editora UNESP, 2018. 321 p.

COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. Geografia: Conceitos e Paradigmas - Apontamentos Preliminares. In: *GEOMAE Campo Mourão*, Paraná, v.1, n.2, 2010. p. 25-56.

DEZEN-KEMPTER, Eloísa. Patrimônio Industrial: em busca da sobrevivência. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Leopoldo - RS, Julho de 2007. Sem paginação.

_____. Territórios Fabris Resilientes: cinco casos a considerar. In: *Anais do VI Colóquio L. Americano sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio industrial*. São Paulo, v.1, 2012. p.1-22.



FUNARI, Pedro; PELEGRINI, Sandra. *Patrimônio Histórico e Cultural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009. 72 p.

GIMENES, Lourenço. A Cidade-Jardim no Rio de Janeiro - RJ: Uma Experiência Singular. In: *Revista Municipal de Engenharia*, Rio de Janeiro, 1998. p.16-30.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Khoury. In: *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, 1993, p. 7-28.

RÉBÉRIOUX, Madeleine. Lugares de Memória Operária. In: SÃO PAULO (cidade), *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*, São Paulo: DPH, 1992. p. 47-56.

SCIFONI, Simone. Lugares de Memória Operária na Metrópole Paulistana. In: *GEOUSP – espaço e tempo*, São Paulo, N°33, 2013, pp. 98- 110.

_____. Tombamento e Participação Social: Experiência da Vila Maria Zélia, São Paulo - SP. In: *Revista CPC*, São Paulo, n.22, 2017, p. 176-192.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. 320p.

TICCIH - The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. *Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial*, 2003. Disponível em: <<https://www.ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese>>. Acesso em: 10 de Setembro de 2019.

VIEIRA, Ana Lúcia. “A colaboração lhe bate à porta”: visitadoras sociais e política de normatização de corpos emente de operários e operárias de uma indústria têxtil no Rio de Janeiro - RJ (1944-1953). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2012. 248p.